



Maria José Sales Landim
EEMTI FIGUEIREDO CORREIA

O ENCONTRO TRANSLÚCIDO

Na vastidão onde o mar beija a areia em sussurros de espuma, duas figuras emergem do horizonte como promessas antigas. Seus pés descalços beijam a praia com urgência de quem finalmente reconhece, no outro, o espelho perdido da própria alma.

Correm.

Os braços abertos são asas que não voam, mas que anunciam — em sua extensão generosa — a fome do abraço, a sede do encontro, o desejo de dissolver toda distância que separa um ser do outro.

O vento carrega grãos de areia dourada que dançam em torno delas como testemunhas cúmplices. O sol derrama sua luz oblíqua, transformando seus corpos em silhuetas radiantes, quase etéreas, como se já pressentissem o que está por vir. E então acontece.

No instante preciso em que os braços deveriam se fechar, em que o corpo deveria encontrar o corpo, em que o calor de uma pele deveria reconhecer o calor da outra — elas se atravessam. Uma passa pela outra como brisa atravessa brisa, como luz atravessa luz, como memória atravessa sonho.

Nesse momento impossível, suas fronteiras se desfazem. As cores de uma — o azul de seus olhos, o bronze de sua pele, o vermelho de seu coração pulsante — fundem-se às cores da outra em uma aquarela que não obedece às leis da matéria. Os traços de seus rostos, as linhas de seus corpos, as texturas de suas existências misturam-se numa alquimia de formas que se entrelaçam sem se reter.

É um abraço que transcende o toque. Um encontro que dispensa a colisão. Por uma fração de eternidade, elas são uma única tapeçaria viva, tecida de duas

vidas que se reconhecem como uma só, para além do corpo.

E quando se completam, quando terminam de atravessar uma à outra, ambas continuam. Continuam correndo com os braços abertos, agora carregando em si fragmentos da outra — um azul diferente na borda do olhar, um traço novo no sorriso, uma tonalidade estranha na voz que o vento leva.

Correm, agora, em direções opostas sobre a areia que guarda suas pegadas paralelas, cada uma levando consigo a bagagem luminosa daquele encontro possível e impossível, efêmero, sobretudo. Porque algumas presenças não precisam de abraços para permanecerem. Alguns encontros não precisam de corpos para serem completos. E porque a força dos braços, do desejo e do apego são nada face à inexorabilidade do tempo das coisas...

O tempo... Ah... O tempo... Esse menino danado que brinca de desfazer...

Os amantes distanciam-se, ainda de braços abertos, misturando riso e lágrimas, carregando agora cores diferentes, traços outros daqueles iniciais. Misturaram-se; carregam-se, mas não estreitam-se em corpos.

O tempo... Ah... O tempo... Esse menino que tudo transforma...

E a praia, testemunha silenciosa, continua oferecendo seu infinito para que almas se cruzem, se atravessem, se transformem — e sigam, sempre, de braços abertos para o horizonte, numa sempre indesejada despedida.

Resposta ao tempo



*Batidas na porta da frente
É o tempo
Eu bebo um pouquinho pra ter
Argumento*

*Mas fico sem jeito calado, ele ri
Ele zomba do quanto eu chorei
Porque sabe passar
E eu não sei*

*Num dia azul de verão
Sinto o vento
Há folhas no meu coração
É o tempo*

*Recordo um amor que perdi
Ele ri
Diz que somos iguais
Se eu notei
Pois não sabe ficar
E eu também não sei*

*E gira em volta de mim
Sussurra que apaga os caminhos
Que amores terminam no escuro
Sozinhos*

*Respondo que ele aprisiona
Eu liberto
Que ele adormece as paixões
Eu desperto*

*E o tempo se rói
Com inveja de mim
Me vigia querendo aprender
Como eu morro de amor
Pra tentar reviver*

*No fundo é uma eterna criança
Que não soube amadurecer
Eu posso, ele não vai poder
Me esquecer*

*Aldir Blanc;
Cristóvão Bastos.*

